

Estudo dos nomes aumentativos e diminutivos em Português Arcaico

(Study of augmentative and diminutive nouns in Archaic Portuguese)

Thais Holanda de Abreu¹

¹Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)

thaishabreu@bol.com.br

Abstract: This paper aims to present the study of augmentative and diminutive words in Archaic Portuguese (AP), through the observation of prosodic phenomena triggered by the morphophonological process of grade suffixes attachment: *-inno* and its variations for the diminutive, and *-on(a)* for the augmentative in Galician Portuguese of 13th century. We intend to discuss the question of the prosodic status of augmentative and diminutive forms in AP as simple forms (one main lexical stress) or compounds (two lexical stresses). Thus the mapping and the analysis of prosodic phenomena in AP aim to contribute to a more general description of the phonological component in that moment of Portuguese language.

Keywords: diminutive; augmentative; prosodic phenomena.

Resumo: Este artigo objetiva apresentar o estudo das palavras aumentativas e diminutivas no Português Arcaico (PA) a partir da observação dos fenômenos prosódicos desencadeados pelo processo morfofonológico da adjunção dos sufixos de grau *-inno* e variações, para o diminutivo, e *-on(a)*, para o aumentativo, no galego-português, século XIII. Através da exposição deste estudo pretendemos discutir a questão do estatuto prosódico das formas aumentativas e diminutivas em PA como formas simples (um acento principal) ou compostas (dois acentos lexicais). Logo, o mapeamento e a análise de fenômenos prosódicos no PA pretendem contribuir para a descrição mais geral do componente fonológico da língua naquele momento de formação do Português.

Palavras-chave: diminutivos; aumentativos; fenômenos prosódicos.

Introdução

O objetivo do presente artigo é discutir a questão do estatuto prosódico das formas aumentativas e diminutivas em Português Arcaico (doravante, PA) como formas simples (um acento principal) ou compostas (dois acentos lexicais) a partir da análise, do ponto de vista dos modelos da Teoria da Fonologia Lexical (FL) e da Fonologia Métrica, de processos morfofonológicos desencadeados pela adjunção dos sufixos de grau *-inno* e variações, para o diminutivo, e *-on(a)*, para o aumentativo, a bases nominais, em PA. Para esta discussão, considerar-se-á como base de análise um *corpora* constituído pelas 420 cantigas religiosas em louvor à Virgem Maria, denominadas *Cantigas de Santa Maria* (CSM), compiladas pelo Rei Sábio de Castela, Afonso X (1221-1284) e também as 431 cantigas de escárnio e maldizer. Em linhas gerais, o presente artigo tem o intuito de fazer uma retrospectiva das principais propriedades dos nomes diminutivos e aumentativos, sob a ótica das Fonologias Não-Lineares (Lexical e Métrica), apresentando, a partir dessas propriedades dos aumentativos e diminutivos para o Português Brasileiro (de agora em diante PB), algumas hipóteses para esses nomes no PA.

Breves considerações sobre o *corpus* escolhido e sua relevância para um estudo de caráter prosódico

Para a realização do estudo das formas aumentativas e diminutivas em PA foram escolhidas como *corpus* de pesquisa as cantigas religiosas em louvor a Virgem Maria e as cantigas de escárnio e maldizer, uma vez que, entre as cantigas medievais galego-portuguesas, esses dois gêneros específicos apresentam uma maior riqueza lexical.

As *Cantigas de Santa Maria* foram compostas na segunda metade do século XIII, com autoria atribuída a Dom Afonso X, rei de Leão e Castela, denominado também “o Sábio”. É preciso salientar que a maioria dos estudiosos dessas cantigas, como Parkinson (1998), acredita que nem todas elas são de autoria exclusiva do rei. Segundo Parkinson (1998):

é de suponer que o rei tería acompañado de cerca a estructuración e a composición da obra. Mais en realidade resulta estraño que se teña pensado durante bastante tempo que unha colección de semellante tamaño fose unicamente do Rei Sabio (que tería moitas outras cousas en qué se ocupar). A lóxica indícamos, xa que logo, que non podería o rei ter composto todas as 420 *Cantigas* e, o mesmo tempo, que sendo el poeta non podería non ter composto ningunha delas. (p. 183)

A partir da opinião de Parkinson (1998) referida acima, é possível considerar Afonso X como o grande compilador, organizador dessas *cantigas*, com algumas delas que foram compostas por ele e outras, não. Partindo desse pressuposto, o autor problematiza ainda a questão de como definir critérios que nos permitam identificar as cantigas de sua autoria e, embasando-se em Mettmann (1987, p. 364), nos sugere que as cantigas de autoria do rei sábio são as “cantigas pessoais” (cf. PARKINSON, 1998, p. 183), que estão em primeira pessoa do singular e representam seus sentimentos, suas vivências e desejos em relação à Virgem Maria.

As 420 *Cantigas de Santa Maria* são, de acordo com Leão (2007, p. 21), líricas ou lírica-narrativas e dividem-se em cantigas de *miragre* (cantigas de milagre, as quais revelam os feitos milagrosos da Virgem Maria; são poemas narrativos) e cantigas de *loor* (cantigas de louvor, que louvam e fomentam a devoção mariana; poemas líricos). No entanto, devido ao fato de as cantigas de milagre revelarem os milagres da Virgem e, conseqüentemente, encerrarem louvores a ela, é possível, no fundo, considerar todas as cantigas como de louvor. As cantigas de milagre nos revelam ser predominantes, uma vez que, de acordo com Leão (2007, p. 24), elas aparecem em uma proporção de nove por um, ou seja, para cada grupo de nove cantigas de milagre tem-se uma cantiga de louvor, numerada com dezena inteira. Segundo a estudiosa,

a estruturação das cantigas obedece, pois, a um ritmo regular, em que as cantigas de louvor ocupam sempre as dezenas, enquanto as de milagre têm números terminados pelas unidades de um a nove, comparando-se esse sistema, aproximadamente, ao de um rosário. (LEÃO, 2007, p. 24)

As cantigas religiosas em louvor à Virgem Maria chegaram até nós por meio de quatro manuscritos antigos,¹ conhecidos como códices — E: El Escorial, Real Monasterio de san Lorenzo, MS B.I.2 (conhecido como Escorial ou códice dos músicos) – o mais completo de todos; T: El Escorial, Real Monasterio de san Lorenzo, MS T.I.1 (códice rico ou códice das histórias) – considerado o mais rico em conteúdo artístico (sobretudo iconográfico); F: Firenze, Biblioteca Nazionale Centrale, Banco Rari, 20 (códice de Florença) – que forma um conjunto com o códice Escorial rico, uma vez que as cantigas que contém completam o códice T; To: Toledo, Madrid, Biblioteca Nacional, MS 10.069 – o menor e mais antigo de todos, que contém também um índice de cem cantigas. Atualmente, dois desses códices são guardados na Biblioteca do Escorial (E e T), um na Biblioteca Nacional de Madrid (To) e outro na Biblioteca Nacional de Florença (F).

Massini-Cagliari (2007b, p. 122), a respeito da utilização do galego-português presente na composição das cantigas, demonstra, em seu artigo “Legitimidade e Identidade: da pertinência da consideração das Cantigas de Santa Maria de Afonso X como corpus da diacronia do Português”, que o galego e o português daquela época não devem ser considerados línguas diferentes, mas sim “uma e a mesma língua”, no que concerne a alguns aspectos prosódicos, como acento, constituição silábica e processos de sândi. A autora, a partir da comparação entre as cantigas profanas (provenientes de Portugal) e as religiosas (provenientes possivelmente da Galiza, mas compiladas em Toledo), ressalta que essas duas vertentes são muito próximas em relação aos elementos prosódicos e que “as distinções linguísticas [...] não são de tipologia dos fenômenos, mas de frequência. Não havendo distinções tipológicas, não há diferença de sistema”.

Assim, pode-se afirmar que as *Cantigas de Santa Maria* são representantes do momento de formação da língua portuguesa (ou do galego-português, como seu ancestral legítimo) e, conseqüentemente, podem contribuir para a descrição mais geral do componente fonológico da língua naquele momento. Já afirmara Leão (2007, p. 9), que “[...] as *Cantigas*, nas brumas da história, coincidem com o momento fundador do Reino de Portugal e também da língua portuguesa”.

Em relação às cantigas de escárnio e maldizer, sabe-se que estas eram feitas para dizer mal de alguém e o intuito principal delas, de acordo com Tavani (1993, p. 138), era denunciar os vícios da corte. Segundo Massini-Cagliari (2005, p. 45), essas cantigas diferem apenas pela forma como elas fazem a difamação: coberta ou descoberta, ou seja, se a cantiga falava mal diretamente de alguém, era de escárnio; caso contrário, era de maldizer.

Assim como as cantigas religiosas, as de escárnio e maldizer chegaram até nós por meio de dois manuscritos antigos, a cujas edições fac-similadas os pesquisadores do Grupo “Fonologia do Português: Arcaico & Brasileiro” também têm acesso. Um deles é o *Cancioneiro Nacional da Biblioteca de Lisboa*, conhecido também pelas abreviaturas B ou CNB e denominado antigamente de *Cancioneiro Colocci Brancuti*. Segundo Massini-Cagliari (2007a, p. 16), esse cancionário é o mais completo entre os três existentes com cantigas profanas galego-portuguesas, pois além de conservar o maior número de textos e

¹ O Grupo de Pesquisa *Fonologia do Português: Arcaico & Brasileiro*, ao qual a autora deste artigo está ligada, constituído por alunos de graduação e pós-graduação na UNESP/Araraquara e coordenado pela Prof^a. Dr^a. Gladis Massini-Cagliari, tem acesso aos microfílm dos manuscritos e também a duas edições fac-similadas das *Cantigas de Santa Maria*.

autores é o único que apresenta a *Arte de Trovar*. O outro manuscrito é o *Cancioneiro da Vaticana*, conhecido pelas abreviaturas V ou CV. De acordo com Massini-Cagliari (2007, p. 22), possui muitas afinidades com o *Cancioneiro Nacional da Biblioteca de Lisboa*, pois se acredita na hipótese de que os copistas de ambos os cancioneiros tenham trabalhado simultaneamente a partir de um único exemplar original distribuído em cadernos.

Em uma época da qual não se tem registros orais, é imprescindível a escolha de um *corpus* como as cantigas medievais religiosas para a realização de um estudo em nível fonológico que investiga, ao lado dos fenômenos segmentais, também elementos de natureza prosódica, pois a estrutura métrico-poética dessas cantigas pode revelar aspectos fonético-fonológicos daquele período que não costumavam aparecer representados na escrita da época. Como já afirmara Massini-Cagliari (2005):

fica praticamente impossível de serem extraídas informações a respeito da prosódia do português desse período a partir de textos escritos em prosa; o único procedimento possível nesses casos é buscar esses dados na estrutura métrica de textos poéticos, obrigatoriamente alicerçada nas características rítmicas da língua que a ela dá suporte. (p.18)

Com base na citação acima é importante destacar que, por meio da estrutura métrica de textos poéticos, torna-se possível delinear os limites entre as sílabas das palavras e a localização dos acentos em cada verso, tomando como ponto de partida a observação de como o poeta conta as sílabas poéticas. Dessa forma, com a localização de acentos poéticos pode-se supor a localização do acento nas palavras naquele período (Português Arcaico). A identificação do acento nas palavras facilita a investigação da sua estrutura prosódica e nos permite formular hipóteses, sobretudo a respeito de os nomes aumentativos e diminutivos serem, no período arcaico do português, de acordo com as teorias da Fonologia Não-Linear, derivados ou compostos.

Metodologia

Para analisar as ocorrências de aumentativo e diminutivo mapeadas em PA, utilizam-se como material de apoio glossários e dicionários que reúnem as palavras conhecidas da época, a citar o glossário de Mettmann (1972), para as CSM, e o glossário *Cantigas d'Escarnho e Mal Dizer dos Cancioneiros Medievais Portugueses* de Lapa (1998 b), para as cantigas de escárnio e maldizer.

Vejamos abaixo um exemplo de como a coleta dos dados é realizada:

- (01) Cantiga 79: Como Santa Maria tornou a mena que era garrida, corda, e levó-a sigo a parayso.

Ay, Santa Maria,
quen se per vos guya
quit' é de folia
e senpre faz ben.

Porend' un miragre vos direi fremoso
que fezo a Madre do Rey grorioso,
e de o oyr seer-vos-á saboroso,
e prazer-mi-á en.
Ay, Santa Maria...

Aquesto foi feito por ha menynna
que chamavan Musa, que mui **fremosinna**
era e aposta, mas **garridelinna**
e de pouco sen.
Ay, Santa Maria...

O exemplo acima evidencia como a coleta de dados é realizada. Em um primeiro momento faz-se a leitura das cantigas juntamente com um glossário, para, posteriormente, serem marcadas as ocorrências de diminutivo e aumentativo. Em (01) as palavras destacadas em negrito significam, respectivamente, *formosinha* e *garridinha*. Após a marcação, as ocorrências são organizadas em quadros e tabelas (cf. seção Resultados) e analisadas a partir das teorias fonológicas não-lineares.

Embasamento teórico: diminutivos e aumentativos sob a ótica das Fonologias Não-Lineares

As propriedades prosódicas dos diminutivos e aumentativos são analisadas de acordo com a Fonologia Lexical (FL), sobretudo a partir dos estudos de Lee (1995) para o Português Brasileiro (PB), e com a Fonologia Métrica — modelo métrico de Hayes (1995), retomado por Massini-Cagliari (1995; 1999) e Costa (2006).

A fonologia lexical estuda a relação entre o sistema sonoro e o sistema lexical das línguas por meio da observação da atuação das regras fonológicas. Desse ponto de vista, a dúvida reside em considerar os diminutivos e aumentativos do português como derivados ou compostos, sendo que, dessa perspectiva, esses nomes podem até mesmo receber uma classificação intermediária entre esses dois tipos de formações de palavras.

De acordo com Cagliari (2008, p. 124), o léxico de uma língua se estrutura em níveis e “contém regras ligadas ao componente fonológico propriamente dito”. Assim sendo, os dois grandes níveis da fonologia lexical, de acordo com Kiparsky (1982, p. 132) são: o nível lexical e o nível pós-lexical.

A estrutura do léxico assumida pela FL pode ser representada pelo esquema a seguir, proposto por Kiparsky (1982) e traduzido por Lee (1995, p. 05):

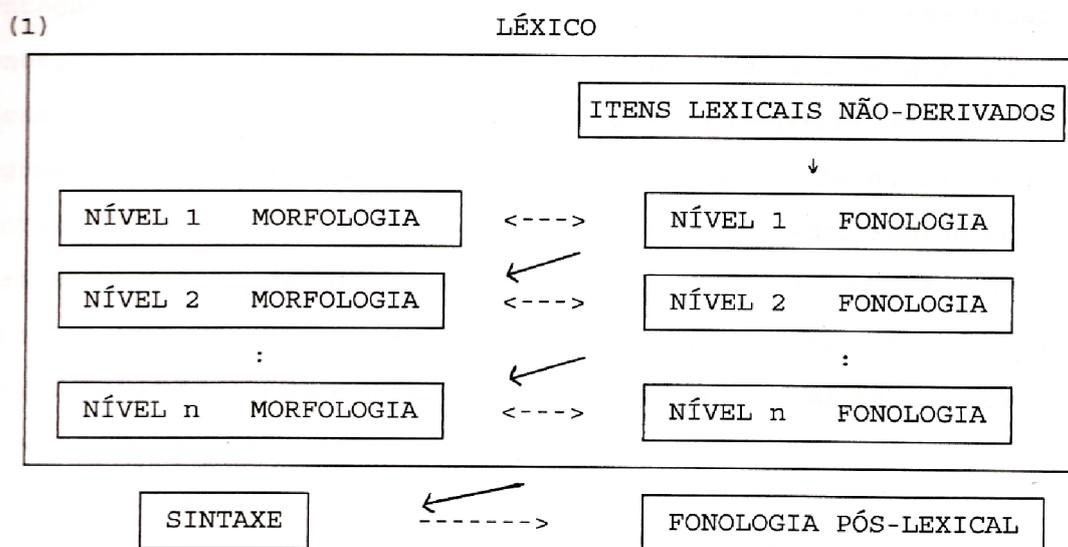


Figura 1. Estruturação do léxico proposta por Kiparsky (1982, apud LEE, 1995, p. 05)

Observando a figura acima, constataremos que as setas que ligam o nível fonológico ao nível morfológico são reversíveis. Isso significa que a FL trabalha com a hipótese de que há uma interação e uma influência entre esses dois componentes da gramática (Fonologia e Morfologia) no momento de formação das palavras. Partindo desse fato, pode-se afirmar que as regras fonológicas são aplicadas depois de cada operação morfológica, isto é, a saída de cada regra morfológica é submetida, em seu estrato, a regras fonológicas. Portanto, o modelo da Fonologia Lexical postula que as regras fonológicas operam em conjunto com as morfológicas no léxico. Ao se adjungir os sufixos de diminutivo e aumentativo a uma determinada base, observa-se a ocorrência de processos fonológicos ocasionados justamente pelo acréscimo de um elemento morfológico (os sufixos) e que, a partir dessa junção, a posição do acento da base pode ser modificada na palavra derivada.

Resultados

A coleta de dados no *corpora* deste estudo possibilitou o mapeamento de todos os casos de diminutivo e aumentativo encontrados nas 420 cantigas religiosas em louvor à Virgem Maria e também nas 431 cantigas de escárnio e maldizer, como pode ser observado nos quadros 1, 2, 3 e 4 a seguir:

Quadro 1. Diminutivos mapeados em 420 cantigas religiosas

Ocorrência	Cantiga; Verso	Significado
ansarinnos	389; 33	gansinhos
boỹo	331; 15	bonzinho
campaynna	384; 52	sininho
carpynna	105; 98	chorinho
donezỹa	354; 2, 354; 12, 354; 30	doninha
filynno	323; 15	filhinho
fremosinna	79; 13, 178; 12, 195; 41, 241; 15	formosinha
fremosinno	55; 62, 115; 16, 145; 42, 331; 16, 347; 51, 353; 38, 389; 18	formosinho
furadynno	136; 30	buraquinho
garridelinna	79; 14	garridinha, travessinha
judeucỹo	4; 34	judeuzinho
mannanỹa	310; 24, 321; 33	manhãzinha
moçelinnos	389; 38	mocinhos
ovellỹa	147; 18	ovelhinha
passarinna	103; 23	diminutivo de passara
pastorinna	321; 58	mocinha
pastorynno	102; 18, 145; 40, 392; 15	mocinho
pequeninna	54; 23, 310; 9, 389; 35	pequeninha
pequeninno	89; 72, 139; 26, 205; 43, 221; 11, 340; 24, 345; 72, 389; 8, 400; 32	pequeninho
tonelcỹo	23; 18	tonelzinho
velloçinna	75; 18	velhinha
velocinno	147; 44	velhinho

Observando o quadro acima verifica-se que há 26 ocorrências para o sufixo de diminutivo *-inno*, sendo o vocábulo *pequeninno* o que possui mais ocorrências, aparecendo em 8 cantigas diferentes, e 19 ocorrências para o sufixo de diminutivo *-inno* com a desinência de gênero no feminino (*-inna*), das quais *fremosinna* aparece em 4 cantigas distintas. Assim sendo, o número de ocorrências para o sufixo de diminutivo em 420 cantigas totaliza 45, quer sejam elas masculinas quer sejam femininas.

Quadro 2. Aumentativos mapeados em 420 cantigas religiosas

Ocorrência	Cantiga; verso	Significado
aguillon	31; 53	vara grande com uma ponta de ferro utilizada para picar e instigar os bois na lavoura
arloton	305; 48	“covardão”, “grosseirão” no sentido pejorativo.
bolsson	305; 63	bolsão
cabron	85; 65(-ões), 283; 56	cabrão
crerizon	24; 9, 404; 12	“clerigão” no sentido pejorativo; um mal clérigo.
escudeiron	104; 12	“escudeirão” na forma pejorativa.
espadarron	189; 17	espadagão

Em relação aos aumentativos, verificaram-se apenas 9 ocorrências, fato esse que comprova que, devido a essas cantigas apresentarem um caráter religioso e serem destinadas à Virgem Maria, a linguagem utilizada passa a ter uma conotação afetiva positiva muito maior. Tal conotação afetiva positiva aparece, sobretudo, nos nomes diminutivos e deixa de existir nos nomes aumentativos.

Quadro 3. Diminutivos mapeados em 431 cantigas de escárnio e maldizer

Ocorrência	Cantiga; Verso	Significado
ansarinhos	154; 12	gansinhos
baroncinho	355; 4	varãozinho, machinho
donzinho	235; 11	donativozinho; uma pequena recompensa
falconcinho	27; 2	falcãozinho
fraquelinha	213; 3	fraquinha
galguilinho	27; 5	cãozinho galês
molhercinha	264; 10	mulherzinha
pastorinha	147; 17, 264; 4	mocinha
pastorinho	116; 2	mocinho

O quadro acima permite constatar o mapeamento de 10 ocorrências de diminutivo nas cantigas de escárnio e maldizer. Desses 10 vocábulos, 3 estão no feminino (*fraquelinha*, *molhercinha* e *pastorinha*). O vocábulo mais produtivo foi *pastorinha*, aparecendo 2 vezes no decorrer das 431 cantigas. Observa-se ainda que 3 ocorrências de diminutivo mapeadas nas cantigas de escárnio e maldizer também foram mapeadas nas cantigas religiosas. São elas: *ansarinhos*, *pastorinha* e *pastorinho*.

Quadro 4. Aumentativos mapeados em 431 cantigas de escárnio e maldizer

Ocorrência	Cantiga; Verso	Significado
balandrão	194; 2	capa grande com capuz
cabeçon	73; 5, 310; 14	cabeção
cabron	21; 33(-ões)	cabrão
cadarron	378; 16	catarrão
çapaton	34; 10	sapatão
cavalon	144; 25	cavalão, no sentido de ser um homem grosseiro.
clerigon/clerizon	319; 1, 422; 8	“clerigão” no sentido pejorativo; um mal clérigo.
citolon	210; 2, 211; 19, 218; 32, 222; 2, 294; 3, 295; 5, 295; 14	cítola grande; uma guitarra grande.
cochoã	238; 9	mulher “grosseirona”; do povo.
conon	14; 2	aumentativo e pejorativo de cono (vagina)
escudeiron	379; 19	“escudeirão” na forma pejorativa.
espadarron	57; 15	espadagão
lorigon	57; 9	saia grande
nadigon	132; 13, 132; 18, 257; 5, 257; 15 (-ões)	nádega grande
saion	301; 19, 301; 23	saia grande
tavão	60; 3	moscão
zevron	252; 6, 252; 12, 253; 4, 253; 6, 253; 10, 253; 12, 253; 16, 253; 18, 255; 15, 257; 1, 257; 11 (-ões), 259; 2, 262; 1, 263; 26	aumentativo de zevro (cavalo selvagem); no sentido pejorativo, homem cavalão, grosseirão.

O quadro exposto nos revela o mapeamento de 42 aumentativos distribuídos em 17 ocorrências, sendo 1 delas com o sufixo diminutivo no feminino (*cochoã*). A ocorrência mais produtiva foi *zevron*, aparecendo 14 vezes no decorrer das 431 cantigas.

Todos os dados apresentados anteriormente podem ser quantificados de acordo com o que evidenciam as seguintes tabelas:

Tabela 1: Total de ocorrências para aumentativos e diminutivos em 420 cantigas religiosas

Ocorrências de palavras com sufixo de grau: CSM 1-420	Subtotal
Diminutivos	45 (84%)
Aumentativos	9 (16%)
TOTAL	54 (100%)

Tabela 2: Total de ocorrências para aumentativos e diminutivos em 431 cantigas de escárnio e maldizer

Ocorrências de palavras com sufixo de grau: CEM ² 1-431	Subtotal
Diminutivos	10 (20%)
Aumentativos	42 (80%)
TOTAL	52 (100%)

Ao observarmos as tabelas acima constatamos maior produtividade dos nomes diminutivos nas CSM (45 ocorrências de diminutivo contra 9 de aumentativo) do que nas 431 cantigas de escárnio e maldizer (10 ocorrências de diminutivo contra 42 de aumentativo). Essa situação pode ser explicada por meio do objetivo intrínseco aos textos, o de louvar a Virgem Maria, – no caso das CSM – e o de difamar hábitos da corte, propiciando o uso de uma linguagem mais pejorativa – no caso das cantigas de escárnio.

Análise dos resultados

Tomando como base conceitos da teoria da Fonologia Lexical (FL), postula-se que diminutivos e aumentativos em Português Arcaico poderiam pertencer a um nível lexical intermediário (nível beta), assim como em Português Brasileiro (PB) (cf. LEE, 1995). A maioria das ocorrências mapeadas nas cantigas medievais não revelou características comuns aos nomes formados no nível dos derivados (nível alfa), como a submissão à regra de neutralização das vogais médias, muito menos características semelhantes aos compostos pós-lexicais (nível ômega), como a existência de plural entre os constituintes.

Do âmbito da teoria da Fonologia Métrica constata-se que estudos do acento para o PA (cf. MASSINI-CAGLIARI, 1995, 1999; COSTA, 2006) tentam analisar o padrão acentual naquele período. De acordo com esses estudiosos, havia uma grande recorrência de palavras paroxítonas no período arcaico de nossa língua, fato expresso pela confirmação de que o ritmo era estruturado a partir do pé silábico troqueu moraico³ em Português Arcaico tanto nas cantigas profanas analisadas por Massini-Cagliari (1995, 1999) quanto nas religiosas analisadas por Costa (2006): “[...] pode-se considerar o troqueu moraico como o pé básico do PA, sendo que a construção dos pés deve se dar da direita para a esquerda” (MASSINI-CAGLIARI, 1999, p. 167). Ressalta-se, porém, que o fato de a maioria das ocorrências nessas cantigas serem consideradas paroxítonas não significa que outros padrões silábicos não foram encontrados, como as oxítonas terminadas em consoante (no caso dos aumentativos mapeados no *corpus* das 420 cantigas, como *crerizon*), nasal ou ditongo crescente. Logo, tomando como base os dois padrões silábicos mapeados por Costa (2006) nas CSM, verifica-se que as ocorrências de diminutivo mapeadas nas cantigas religiosas e nas cantigas de escárnio e maldizer são paroxítonas, como evidencia o exemplo a seguir:

² Abreviatura para Cantigas de escárnio e maldizer.

³ Nome originário da métrica clássica, que corresponde aos sistemas de acento sensíveis ao peso silábico, com constituintes binários de cabeça à esquerda.

(02) *fremosinna* (CSM 79;13, 195;41, 241;15)

(x)	linha 2		
(x	.)	(x	.)	linha 1
(x)	(x)	(x)	(x)	linha 0		
fre	mos	in	na			

Analisando o exemplo acima observa-se que, na linha 0, são marcadas todas as sílabas para, posteriormente, na linha 1, destacar os cabeças de uma sequência silábica, ou seja, as proeminências vocálicas na base da palavra e no sufixo adjungido a elas. Na linha 2 constata-se que somente o acento principal permanece e que este está em posição paroxítona. Considerando-se a questão do padrão acentual, pode-se constatar por meio desse exemplo que, na linha 1 e 2, tem-se o padrão do *troqueu moraico* (x .) e (x), com a representação de pés compostos de duas sílabas breves (∪∪) no primeiro caso, e um pé composto por uma única sílaba longa (–), na linha 2. Assim sendo, embasando-se em Massini-Cagliari (1999, p. 169), é possível afirmar que, assim como nas cantigas profanas, as ocorrências de diminutivo nas CSM confirmaram mais uma vez que o PA era sensível à quantidade silábica na construção dos pés, isto é, qualquer sílaba longa (ou pesada) posicionada na penúltima (caso do exemplo exposto) ou na última posição silábica da palavra atrai o acento principal, como pode ser observado no exemplo (02).

Como já comentado, Costa (2006) afirma ter encontrado algumas oxítonas no *corpus* das cantigas religiosas e, durante o mapeamento das ocorrências de diminutivo e aumentativo nas cantigas religiosas, verificou-se que os aumentativos em PA podem ser considerados de padrão acentual oxítono por analogia a palavras com a mesma terminação dos aumentativos (-on), classificadas como oxítonas por Costa (2006), como *galardon* (prêmio), *perdon* (perdão) entre outras. Vejamos, a seguir, por meio da grade métrica, um exemplo de ocorrência de aumentativo mapeada nas cantigas medievais que evidencia a posição do acento oxítono:

(03) *crerizon* (CSM 24;6)

(x)	linha 2	
(x	.)	(x)	linha 1
(x)	(x)	(x)	linha 0		
cre	ri	zon			

Em (03) temos na linha 0 a marcação de cada sílaba e na linha 1 constata-se o cabeça de cada sequência silábica. Por fim, na linha 2, somente o acento principal permanece na posição oxítona. Observando não somente a ocorrência exposta como exemplo, mas também as outras de aumentativo mapeadas, verifica-se que estas não seguem o padrão ideal de formação de oxítonas no PA – palavras terminadas por sílaba leve seguida de sílaba pesada (∪∪) (cf. COSTA, 2006, p. 105-106); essas ocorrências de aumentativo, assim como as de diminutivo, também são sensíveis ao peso silábico, uma vez que possuem na penúltima ou na última sílaba uma longa (–) que atrai o acento principal.

Observa-se ainda que, em (02), há na linha 0 o encontro de uma proeminência vocálica da base *fremos-*, a qual recebe o acento primário individual em “o” – uma vez que é considerada paroxítona, de acordo com Costa (2006, p. 142) – com a proeminência

vocálica do sufixo *-inno*, que recebe acento primário individual em “i”. Esse encontro é chamado de colisão acentual ou reversão iâmbica (cf. HOGG; MCCULLY, 1987, p. 132-137), fenômeno que ocorre em uma sequência de dois acentos.

Para desfazer tal colisão, costuma-se aplicar a Regra de Mova X, segundo Massini-Cagliari (1999, p. 92), que diz que quando constatada uma colisão acentual deve-se realizar um movimento das marcas da grade ao longo da fileira em que a colisão ocorre. Assim sendo, em (02), a linha 1 apresenta o movimento do acento primário que estava em “mo” na linha 0 para “fre”. Logo, embasando-se novamente em estudos de Massini-Cagliari (1995, 1999), pode-se verificar em “fre” o deslocamento do acento, o qual não aparece na linha 2, uma vez que, de acordo com a estudiosa, o último acento é sempre mais forte que os outros (cf. MASSINI-CAGLIARI, 1999, p. 168). Nos exemplos (5) e (6), nota-se também a atuação da Regra de Mova X na linha 1 das respectivas grades métricas e, conseqüentemente, na linha 2 um acento principal marcado nas vogais dos sufixos *-inna* e *-on* e o apagamento dos acentos secundários.⁴

Outra questão apontada por Massini-Cagliari (1999, p. 174) em relação aos padrões acentuais encontrados em PA é a Regra Final à direita. De acordo com a estudiosa, nessa regra o componente mais à direita no momento de formação da palavra recebe o acento principal, estabelecendo o padrão de acentuação dos compostos em PA. Assim sendo, observou-se que nas ocorrências de diminutivo e aumentativo mapeadas nas CSM o acento principal localiza-se à direita e, devido a isso tais ocorrências podem ter como padrão acentual o dos compostos.

Conclusão

Observando os exemplos de ocorrências mapeadas nas cantigas religiosas expostos anteriormente (02 e 03), percebe-se que eles nos revelam a presença de acentos primários individuais (um acento na base e outro nos sufixos de diminutivo e aumentativo), os quais estão sob a condição de choque acentual e, por isso, pela Regra de Mova X (cf. MASSINI-CAGLIARI, 1999, p. 92), tendem a se tornarem um acento secundário (que é apagado) e um acento primário principal, que permanece. Portanto, utilizando os conceitos da Fonologia Métrica, sobretudo o da grade métrica, conclui-se que os nomes diminutivos e aumentativos em Português Arcaico são compostos, pois possuem um acento primário e um secundário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO X, O sábio. *Cantigas de Santa Maria*: edición facsímile do Códice de Toledo (To). Biblioteca Nacional de Madrid (Ms. 10.069). Vigo: Consello da Cultura Galega, Galáxia, 2003.

CAGLIARI, L. C. *Análise fonológica*: Introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico. Campinas: Mercado de Letras, 2008. 208 p.

⁴ Lee (1995) também aborda esse assunto para o PB. Para o estudioso, o apagamento ocorre devido ao Princípio de Preservação de Estrutura nas formações com o sufixo *-inho* e *-zinho*, já que no domínio prosódico do PB é permitido apenas um acento primário. Ele afirma ainda que somente nas formações com *-zinho* tal apagamento proporciona o deslocamento do acento para a direita.

- COSTA, D. S. *Estudo do Acento Lexical no Português Arcaico por meio das Cantigas de Santa Maria*. 2006. 163 f. Tese (Mestrado em Linguística. Área de Concentração: Fonologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.
- HAYES, B. *Metrical Stress Theory: Principles and Case Studies*. Chicago, London: University of Chicago Press, 1995. 477 p.
- HOGG, R.; MCCULLY, C. *Metrical Phonology: a coursebook*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. 288 p.
- KIPARSKY, P. From Cyclic Phonology to Lexical Phonology. In: _____. *The Structure of Phonological Representations: Part I*. USA: Foris Publications, 1982. p. 131-164.
- LAPA, M. R. *Cantigas d'Escarnho e Mal Dizer dos Cancioneiros Medievais Galego-Portugueses*. 4. ed. ilustrada. Lisboa: João Sá da Costa, 1998a. 393 p.
- _____. Vocabulário Cantigas d'Escarnho e Mal Dizer dos Cancioneiros Medievais Galego-Portugueses. In: _____. *Cantigas d'Escarnho e Mal Dizer dos Cancioneiros Medievais Galego-Portugueses*. 4. ed. ilustrada. Lisboa: João Sá da Costa, 1998b. p. 289-393.
- LEÃO, A. V. *Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o Sábio: aspectos culturais e literários*. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007. 178 p.
- LEE, S. H. *Morfologia e Fonologia Lexical do Português do Brasil*. 1995. 201 f. Tese (Doutorado em Linguística. Área de Concentração: Morfologia e Fonologia) - Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- MASSINI-CAGLIARI, G. *Cantigas de amigo: do ritmo poético ao linguístico. Um estudo do percurso histórico da acentuação em Português*. 1995. 300 f. Tese (Doutorado em Linguística. Área de Concentração: Fonologia) - Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- _____. *Do poético ao linguístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 1999. 207 p.
- _____. *A música da fala dos trovadores: Estudos de Prosódia do Português Arcaico, a partir das cantigas profanas e religiosas*. 2005. 348 f. Tese (Livre Docência em Linguística. Área de Concentração: Fonologia) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.
- _____. *Cancioneiros medievais galego-portugueses*. São Paulo: Martins Fontes, 2007a. 222 p.
- _____. Legitimidade e identidade: da pertinência da consideração das Cantigas de Santa Maria de Afonso X como corpus da diacronia do Português. In: _____. *Novas contribuições para o estudo da história e da historiografia da língua portuguesa*. 1. ed. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2007b. p. 101-126.
- METTMANN, W. Glossário. In: _____. *Cantigas de Santa Maria*. Coimbra: Universidade, 1972. 325p.
- _____. Algunas observaciones sobre la génesis de la colección de las Cantigas de Santa Maria y sobre el problema del autor. In: _____. *Studies on the Cantigas de Santa Maria*. Madison: Hispanic Seminary of Medieval Studies, 1987. p. 355-366.

PARKINSON, S. As Cantigas de Santa Maria: estado das cuestións textuais. In: _____. *Anuario de estudos literarios galegos*. Vigo: 1998. p.179-205.

TAVANI, G. Cantiga de escarnho e maldizer. In: _____. *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1993. p. 138-139.